

BOLETIM DO MUSEU DE BIOLOGIA

PROF. "MELLO LEITÃO"

SANTA TERESA — E. E. SANTO — BRASIL

SÉRIE: ZOOLOGIA — N. 38 — 12/6/1973

Algumas observações sobre:

PHAETHORNIS MARGARETTAE Ruschi, 1972

Augusto Ruschi
Museu Nacional

Phaethornis margarettae Ruschi, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão, Ser. Zool. nr. 35 p. 1:5, 1972. 1 est. em cores.

NOME LOCAL: RABO BRANCO DA FAZENDA KLABIN.

NOME INGLÊS: KLABIN FARM LONG-TAILED HERMIT.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: Brasil: Rio Agua Preta, Fazenda Klabin, Município de Conceição da Barra, no E. Santo e Rio Mucuri, Sul da Bahia.

CARACTERÍSTICAS: Comprimento 165-170mm. Bico 37-39mm. Peso 6,1-6,3grs. Vibrações de asa 25 p.s. Peso dos ovos 0,65grs. medindo 16,5x10mm. Dimorfismo sexual, quase indiferenciado.

HABITAT: Floresta virgem do Platô Terciário.

MIGRAÇÃO: É espécie sedentária.

BIOTOPOS PARA: NIDIFICAÇÃO, BANHO, CANTO, DESCANÇO, PARADA NUPCIAL e DORMIR.

Esta espécie como muitas outras do mesmo Gênero nidificam na parte ventral da extremidade da folha encurvada de palmeira, de maneira tal que não fica completamente abrigado da chuva, e como o ninho é do segundo tipo da classificação de A. Ruschi, possui um apêndice terminal em forma de cauda, que lhe dá estabilidade ao ser impulsionado pelo vento.

INCUBAÇÃO E CUIDADOS COM A PRÓLE

Como acontece com todos os representantes dessa Família, só a fêmea cuida da confecção do ninho, da incubação dos dois ovos que nesta espécie é de 15 dias e só ela cuida da prole; os jovens deixaram o ninho com 20 dias. O Banho é tomado sempre em água límpida, no Córrego, em local da mata frequentado pela manhã até 8 horas e pela tarde até 17 horas, todos os dias no mesmo local. Antes de mergulhar na água, sobrevoa o local espelhando-se e explorando o melhor ponto para lançar-se e subitamente emergir, voltando para o mesmo mergulho e em seguida ir pousar num ramo próximo do local para logo em seguida sacudir as azas e a cauda, livrando-se das goticulas presas as penas e voltar por mais algumas vezes ao mergulho no mesmo local e retirar-se para o mesmo pouso anterior, onde vai então fazer a completa higiene de toda a plumagem sacudindo as azas e a cauda, passando o bico e completando o embricamento perfeito das penas com o mesmo. Também para o canto escolhe um ramo a média altura, 2 ou 3 metros do sólo, em local abrigado da mata, entretanto onde o sol filtrado o atinge e intercala-o com uma parada para o espreguiçar e alçar vôo para tomar alimento. O descanso é também feito nesse mesmo local do canto, onde também toma seu banho de sol, para tanto, eriça a plumagem do pescoço e do corpo, retorcendo-se e alçando a cabeça de modo a expor a parte do mento ao sol, ao mesmo tempo que coloca seu corpo para o lado oposto e entreabre a cauda em leque, permanecendo por mais de cinco minutos nessa posição, embora mude-a para um e outro lado e as vezes perpaça os pés pelo bico como se estivesse a

tirar os malófagos que o importunam e caminham pela base do bico. Para dormir, buscam sempre um ramo abrigado sob uma folha e bem rente a mesma, a uma altura variável entre 3 e 5 metros, mudando-o a cada dia, mas nas imediações do dia anterior. A **parada nupcial** é nessa espécie acompanhada de canto, sendo o chilreado seguido de piados baixos na fase de perseguição da fêmea e mais forte ao iniciar o vôo para acompanhá-la quando ela se esquia, fugindo em revolteio pela densa vegetação da floresta; na fase de exibição da plumagem o macho contorna em vôo a fêmea que permanece em pouso num ramo a uma altura de metro e meio do sólo e ele em vôo com a cauda aberta ao máximo, em leque, eriça as plumas esbranquiçadas do centro da garganta e vai repetindo em canto algumas sílabas em chilreado contínuo. A **belicosidade** dessa espécie, se torna muito pronunciada só com outros indivíduos da mesma espécie, pois foge das demais espécies de beija-flores, e somente a fêmea, arrebatada e afugenta todos os pássaros que se aproximam do ninho, mesmo espécies diversas, de outras famílias.

RECONHECIMENTO EM SEU HABITAT: sempre ao vôo, é reconhecido pelo canto que assinala a presença de uma pessoa, pois em vôo muito rápido emite o característico piado monossilábico, e diz em repetição diversas: tép, tép, tép, muito mais grave do que todas as demais espécies do Gênero. Quando em pouso, seu grande porte o distingue, pois na mata em que vive, também se acham as espécies: **Phaethornis ruber ruber** e **Phaethornis idaliae**, que constituem as espécies de menor porte do Gênero. Tem preferência para viver nos vales dos córregos, por onde passa em rápido vôo e vai em busca de flores para libar o nectar e capturar insetos. Entre as flores visitadas, pude observá-la em flores de: **Inga** sp. **Heliconia bihai**, e **Heliconia** sp. **Aechmea** sp. uma leguminosa escandente de flores vermelhas, também uma **Bigoniácea** escandente de flores vermelho-violeta; uma **Rubiácea** de flores amarela e vermelhas e uma **Verbenácea** de flores amarela e vermelhas de um pequeno arbusto. Essas flores ele as visita desde uma altura de um metro como as **Heliconias**, até a altura de 15 ou 20 metros como no caso das **Bromeliáceas: Bilbergia** e **Aechmea**.

OBSERVAÇÕES: Esta espécie foi pela primeira vez observada por mim há mais de vinte anos passados, na Fazenda do Sr. Alberto Reis Castro, Fazenda do Caboclo e Córrego do Engano, sempre passando por sobre os Rios Caboclo e Engano muito alto, e o seu piado característico me alertava da sua aproximação, mas nunca esteve ao alcance do aparelho de capturá-lo vivo, pois, nunca abatemos os beija-flores a tiro, mas o capturamos vivo, para observá-lo e mesmo reproduzi-los em cativeiro. O exemplar que ilustra este livro, foi capturado quando em companhia do casal Dr. C. H. Greenewalt, na Fazenda Klabin e de nossa equipe de trabalho sobre o levantamento da Flora e Fauna, para o I.B.D.F. o capturou em rede de nylon, no dia 4-X-1972, e após ter sido fotografado e observado em cativeiro por alguns dias, foi preparada sua pele em taxidermia e acha-se na coleção de peles do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, sob nr. 18.300; trata-se de um macho adulto. Trata-se de uma espécie rara e em vias de extinção, pois na região não há senão poucas áreas em florestas virgens, menos de 160 kms². onde também vive a espécie de **Ramphodon dohrni**, também em vias de extinção. É uma espécie endêmica.

HELIACTIN CORNUTA (Wied), 1821

Trochilus cornutus Wied, Reise Bras., 2, 1821, p. 190, note.

NOME LOCAL: CHIFRE DE OURO

NOME INGLÊS: HORNED SUNGEM

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA: BOLÍVIA, em S. Miguel. BRASIL: Paraná, Mato Grosso, Rondonia, Goiás, S. Paulo, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Piauí, Ceará, Alagoas, Paraíba, Rio G. do Norte, Sergipe e Distrito Federal.

CARACTERÍSTICAS: Comprimento 110mm. Bico 13mm. Peso 1,8grs. Vibrições de aza p.s. 48. Dimensões e peso dos ovos: 11x8mm. 0,29grs. Temperatura 41,5°C. Dimorfismo sexual bem diferenciado.

HABITAT: Scrub, Savana, Grassland, da Província Central.

MIGRAÇÃO: Grande migratória.

BIOTOPOS PARA: NIDIFICAÇÃO, BANHO, CANTO, DESCANÇO, PARADA NUPCIAL e DORMIR.

O ninho desta espécie é do terceiro Tipo da classificação de A. Ruschi, é todo confeccionado de material macilento, constituído de paina de: **Typha, Bromeliáceas, Cactáceas, Bombacáceas, Gramíneas e Asclepiadáceas**, etc. é construído em uma forquilha de uma herbacea ou pequeno arbusto, a cerca de um metro de altura do sólo, em local aberto. Só a fêmea trabalha em sua construção, na incubação e nos cuidados da prole. O período de incubação é de 13 dias e os jovens deixam o ninho aos 20 dias de idade. O banho é tomado em poças de água límpidas e também em contacto com as folhas úmidecidas pelo orvalho, chuva ou neblina, nesse caso as folhas de pequeno porte e os folíolos de muitas leguminosas, etc., são preferidas. O descanso é feito num pouso preferido que conserva por muito tempo, pois todos os dias ali permanece, enquanto a área de alimentação tem seu centro, na área territorial pelas suas proximidades, pois logo que a densidade de floração de outra espécie que lhe fornece o nectar está desabrochada, consegue outro pouso preferencial para descanso; quando assim, fica por horas sem alçar vôo, porém logo que deve partir para alimentar-se, faz o espregulçar característico, baixando uma aza, e abrindo metade da cauda, depois a outra aza e então abrindo a outra metade da cauda, para após alçar as duas azas de uma vez, e então abrir em leque toda a cauda, seguindo-se o vôo; este é rápido, pois é sem dúvida esta a espécie mais veloz de toda a família; nessas últimas observações a respeito confirmaram para ela uma velocidade de 60 quilômetros horários. O canto é normalmente de piados baixinhos, e seu sinal de alerta é repetido e seguido, it, it, it, it, it, it, e quando em fuga então lança um forte assvio tíóóóó, e a toda a velocidade some pelo campo em fora. Para dormir, prefere o emaranhado dos Scrubs e dos Cerrados, bem abrigado entre a vegetação. A parada nupcial é bem notável, pois as fases de apresentação e exibição de plumagem que são as mais apreciáveis, tem uma distinção muito especial, pois em vôo de libração o macho se atem diante da fêmea e com a cauda aberta em leque a contorna em vôo de 70° de círculo, repetindo-o por várias vezes, ao que se segue o suspender e baixar, em frente a fêmea; esta, assustada vôa para outro ponto, sendo de muito perto seguida pelo macho que logo a força a parar, em ponto na extremidade de um ramo, o que o deixa pronto para recomeçar o bailado do galanteio; então a exibição da plumagem já começa a ter o desabrochar dos tufos laterais da cabeça, abrindo cada lado em leque e fechando-os por várias vezes, após o que os faz avançar para a frente, como um estandarte, e o seu colorido multiforme, pois vai do amarelo claro ao vermelho fôgo e ao escarlata e violeta, além da erecção da parte preta da gravata do peito, tudo num momento de paroxismo que enriquecido com a cauda extendida em leque, mais parece-se a um desfilar de joias espetaculares em frente a sua eleita, que logo se dá por contente e se entrega.

RECONHECIMENTO EM SEU HABITAT: Tanto a fêmea como o macho, que possuem a cauda alongada, seu pequeno porte, sua velocidade inigualável entre os demais beija-flores, e seu assvio muito alto, quando se apercebe de que vem sendo seguido por algo extranho, logo deixa-nos certo de sua presença. E o simples encontro visual dessa silhueta que traz uma figura esguia e com a cabeça tão ornamentada e o peito negro, logo nos deixa transparecer, e fica reconhecido.

OBSERVAÇÕES: é muito belicosa esta espécie, apesar do seu pequeno porte; a região Brasileira em que é mais comum, sem dúvida é no Cerrado de Mato Grosso e Bolívia; mas, também em Minas e no Nordeste do Brasil, encontrei-o com frequência. Entre as flores preferidas destaco: *Vochysia* sp. *Elieteris* sp. várias *Labiadas*; *Urticáceas*; *Malváceas*; entre as *Verbenáceas*, tenho que destacar a sua preferida do Género: *Stachytarpheta*, e também *Lantana camara*; ainda nos jardins e pomares em Goiás, observei que visita com avidez as flores de *Citrus* sp. e *Malvaviscus penduliflorum*; apenas para citar algumas das principais.

Sua pele taxidermisada se encontra na coleção do Museu de Biologia Prof. Mello Leitão, sob nr. 2116.

SUMMARY

In the present paper, the author describes some observations of biology of the hummingbirds *Phaethornis margarettae* Ruschi, 1972 and *Heliaetia cornuta* (Wied). 1821. studied in their natural habitat in South America. Describes some observations of the Behavior in: Nuptial displays, nesting, wing beat rate p. sec., weight, temperature, whashing, sleeping, migration, reconections in your habitat and the principals visited flowers.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Greenewalt, C. H. — 1960 — Hummingbirds — Estampa nr. 65
- 2 — Ruschi, A. — 1967 — Beija-flores das Matas, dos Scrubs, das Savanas, dos Campos e Graslands do Brasil e a sua zoogeografia. — Bol. Mus. Biol. M. Leitão Ser. Biol. nr. 51 c. um mapa.
- 3 — Greenewalt, C. H. e Ruschi, A. — 1962 — Dimensional Relationships for flyng Animals, Smithsonian Miscellaneous Collections Vol. 144 nr. 2 pgs. 31-32
- 4 — Peters, J. L. — 1955 — Check — List of Birds of the World. Vol. 5.
- 5 — Ruschi, A. — 1972 — Uma nova espécie de Beija-flor do E. E. Santo. *Phaethornis margarettae*, Ruschi, Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão, Ser. Zool. nr. 35 p. 1-5. c. 2 fotos.
- 6 — Ruschi, A. — 1960 — Chaves analíticas e artificiais para a determinação dos Géneros e espécies de Beija-flores do Brasil, com resumida descrição. Bol. Mus. Biol. Prof. M. Leitão, Ser. Divulgação nr. 1. pgs. 1-28 com 7 pranchas e 47 desenhos a nankin.